

EDITORIAL

doi <https://dx.doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2019.162824>

Chegar ao quarto volume de uma revista científica, em situações normais, é um desafio. Passado o fervor do primeiro número e as ideias provocadas pelo impacto deste nos números seguintes, o quarto requer fôlego e, ao ser lançado, mostra a continuidade de um trabalho e o alcance de credibilidade mediante pares acadêmicos. Entretanto, não estamos aqui falando de uma revista nascida num contexto sócio-político estável. Em 2016, a *gis* - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia lança seu primeiro número. Esse ano marca nossas vidas, como brasileiros, que vimos desmoronar décadas de construção democrática. Vivemos um momento de incalculável retrocesso político, social e de valores progressistas que acreditávamos estarem assentados, mas que não estavam. O projeto emancipatório que ajudamos a construir parece se dissolver no ar. Contudo não estamos apáticos, não ficamos inertes. A publicação de nosso quarto número, sobretudo diante dos ataques que vêm sofrendo a pesquisa e a educação pública superior, de qualidade mundialmente reconhecida, é um ato de resiliência. E é assim que apresentamos este número da *gis*. Sem medo de resistir.

Abrimos nosso número com o **DOSSIÊ** “Artes e antropologias: políticas e poéticas das ruas e modos de fazer etnográficos”. Nele, expressões de como o mundo sensorial é capaz de potencializar experiências, resistências e reivindicações sociais se desenvolvem ao longo das seções **ARTIGOS**, **GIS** e **TER**. Contribuíram para esse dossiê os autores: Carolina Maia, Daniela Feriani, Eduardo Faria Santos, Fabiana Bruno, Francesca De Luca, Heléna Elias, Jasper Chalcraft, Luis Junior Saraiva, Marcia Vaitsman, Mariana Gonçalves, Otávio Raposo, Pâmilla Vilas Boas Costa Ribeiro, Paola Lappicy, Pedro Olaia e Rose Satiko Hikiji.

Dialogando com o dossiê, os **ARTIGOS** de Marcela Velon, Felipe Neis Araujo e Kelly Koide trazem à tona formas de resiliência na música e na poesia. No artigo de Marcela Velon, compositoras/cantoras de blues, em plena cena carioca do final dos anos 2010, fazem uso de um estilo musical estoicamente criado para enfrentar (novos?) preconceitos. O mundo pode ter mudado, mas canções e motivações do blues transgridem fronteiras do tempo e do espaço.

Já o artigo de Felipe Neis Araujo mostra como a música, fundindo-se a outras estéticas – poéticas, visuais e sensoriais – perfazem o universo Rastafári e se estendem por Kingston – Jamaica, tomando espaços, reivindicando reparações pela violência do Estado, denunciando as mazelas do racismo e exigindo igualdade social.

Ainda, a poética de Roberto Piva, materializada em uma biblioteca comprometida com a difusão da obra literária do autor e com a disseminação da prática da poesia, ganha outros modos de expressão, que mesclam outros estilos de escrita e a fotografia no artigo de Kelly Koide.

Na seção **GIS** questões sobre a existência de Etienne Souriau emergem do texto de Renato Jacques que realiza uma adaptação sintética e tradução livre da introdução feita por Isabelle Stengers e Bruno Latour (em *The sphinx of the work*) à tradução para o inglês da obra *Les différents modes d'existence*, de 1943 (*The different modes of existence*, 2015). Convidamos também o leitor a sentir, através de imagens, como música e dança podem ocupar espaços urbanos, fazendo valer as enunciações de seus performers. O ensaio fílmico de Otávio Raposo, “Performances no planeta break” traz o balanço dos corpos de jovens de São Paulo que corporizando símbolos da cultura hip-hop se desafiavam em duelos de movimento. Já o ensaio fotográfico de Débora Baldeli mostra imigrantes no desfile religioso Ratha Yatra tomando as ruas de Lisboa, numa experiência de poetização da transnacionalidade.

Na seção **TER**, duas **resenhas**, realizadas respectivamente por Fabiana Bruno e Paola Lappicy, trazem obras que reforçam proposições caras à **gis**, referentes às formas expressivas e seu potencial para romper hierarquias que ainda permeiam o fazer etnográfico. A primeira obra, *Entre arte e ciência: a fotografia na antropologia*, organizado Sylvia Caiuby Novaes, nos mostra reflexões sobre o caráter híbrido da fotografia, situado entre a arte e ciência, e seu potencial para produzir outras formas de expressão do conhecimento, capazes de sensibilizar, para além de dar a entender, valendo-se do uso de narrativas não verbalizadas. Já o livro de Arnd Schneider, *Alternative Art and Anthropology: Global Encounters*, propõe a descentralização do debate antropológico do eixo euro-americano, voltando-se para as experiências de pesquisa do resto do mundo, para discutir a arte contemporânea por meio de fotografia, filme, som, instalações, pintura, escultura, poesia e outras formas de arte, abrangendo as discussões teóricas produzidas em cada um desses campos.

Contamos, ademais, com uma **entrevista** realizada por Jasper Chalcraft e Rose Satiko Hikiji com este autor, na qual se discutem as potencialidades que a antropologia visual tem para abarcar outros sentidos humanos, tornando mais tênues os limites disciplinares e propiciando formas originais de trabalho provenientes justamente dessas brechas em que os sentidos se misturam.

O volume 4 da **gis** conta ainda com as **traduções** de *Autoridade sem autor: formas de autoridade em tradições orais* de Carlo Severi, realizada por Frank Nabeta e de *Ritornelos e Afetos Existenciais*, de Félix Guattari, por Cristina Thorstenberg Ribas.

Finalmente, a seção **ACHADOS NA REDE** nos relembra do impactante discurso de Ailton Krenak há 32 anos, na Assembleia Nacional Constituinte, defendendo a Emenda Popular da União das Nações Indígenas. Nesse discurso histórico, esse importante porta-voz do movimento indígena foi contundente em palavras e gestos, dando os primeiros passos para o combate à conjuntura política anti-indígena vigente na legislatura do Congresso Nacional. Seu ato foi decisivo para a aprovação dos artigos 231 e 232 da Constituição Federal de 1988 pelos parlamentares constituintes. Ailton continua atuante num cenário político em que a usurpação dos direitos indígenas é ainda prática vigente.

ANDREA BARBOSA **ORCID** <https://orcid.org/0000-0003-0399-8171>

EDGAR TEODORO DA CUNHA **ORCID** <https://orcid.org/0000-0001-9749-6126>

ÉRICA GIESBRECHT **ORCID** <https://orcid.org/0000-0003-4134-9543>

FRANCIROSY CAMPOS BARBOSA **ORCID** <https://orcid.org/0000-0003-0064-5995>

JOHN COWART DAWSEY **ORCID** <https://orcid.org/0000-0003-1427-7804>

PAULA MORGADO DIAS LOPES **ORCID** <https://orcid.org/0000-0001-9117-4679>

ROSE SATIKO GITIRANA HIKIJI **ORCID** <https://orcid.org/0000-0001-5038-8435>

SYLVIA CAIUBY NOVAES **ORCID** <https://orcid.org/0000-0002-7415-2010>

VÍTOR GRUNVALD **ORCID** <https://orcid.org/0000-0001-8299-6830>